

# Perspectivas interseccionais de gênero, classe e raça: um mapeamento de estudos de Comunicação

*Intersectional perspectives of gender, class and race: a mapping of Communication studies*

*Perspectivas interseccionales de género, clase y raza: un mapeo de los estudios de comunicación*

Lírian SIFUENTES<sup>1</sup>

## Resumo

Neste artigo, apresento um mapeamento da pesquisa em Comunicação que articula os marcadores gênero, classe e raça. Para isso, realizo um levantamento de trabalhos apresentados nos Encontros Anuais da Compós entre 2011 e 2020. Após, analiso os estudos interseccionais que abordaram plataformas digitais, verificando se a interseccionalidade está presente nos cruzamentos empíricos e também nas discussões teóricas. Entre os principais resultados, percebe-se um silenciamento de determinadas abordagens na Comunicação, destacadamente a de raça. Acerca das pesquisas sobre plataformas digitais, nota-se a tendência de aprofundar a discussão empírica e teórica sobre interseccionalidade, bem como de problematizar essas plataformas como espaços de democratização das representações de gênero, classe e raça.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade; Gênero; Classe; Raça.

## Abstract

In this article, I present a mapping of research in Communication that articulates the markers gender, class and race. For this, I carry out a survey of works presented at the Annual Meetings of Compós between 2011 and 2020. Afterwards, I analyze the intersectional studies that addressed digital platforms, verifying whether intersectionality is present in empirical intersections and also in theoretical discussions. Among the main results, we can see a silencing of certain approaches in Communication, especially that of race. Regarding research on digital platforms, there is a tendency to deepen the empirical and theoretical discussion on

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação. Pesquisadora de Pós-Doutorado no PPGCOM/UFRGS. Jornalista na TVE/RS. E-mail: lisifuentes@yahoo.com.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6329-7364>.



---

intersectionality, as well as to problematize these platforms as spaces for the democratization of representations of gender, class and race.

**Keywords:** Intersectionality; Gender; Social class; Race.

### Resumen

En este artículo presento un mapeo de la investigación en Comunicación que articula los marcadores género, clase y raza. Para ello, realizo un levantamiento de trabajos presentados en los Encuentros Anuales de Compós entre 2011 y 2020. Posteriormente, analizo los estudios interseccionales que abordaron las plataformas digitales, verificando si la interseccionalidad está presente en las intersecciones empíricas y también en las discusiones teóricas. Entre los principales resultados, podemos ver un silenciamiento de ciertos enfoques en Comunicación, especialmente el de raza. En cuanto a la investigación sobre plataformas digitales, se tiende a profundizar la discusión empírica y teórica sobre la interseccionalidad, así como a problematizar estas plataformas como espacios de democratización de las representaciones de género, clase y raza.

**Palabras clave:** Interseccionalidad; Género; Clase social; Raza.

---

### Introdução

O conceito de interseccionalidade surge com a jurista negra norte-americana Kimberlé Crenshaw<sup>2</sup> e recebe grande atenção a partir dos anos 2000, especialmente no exterior. Por meio do conceito, busca-se abranger as diferentes identidades de uma pessoa, em que uma não é a priori mais importante que outra. Como a própria Crenshaw admite, já eram feitos “estudos interseccionais” antes de receberem este nome (Phoenix, 2006). A partir dessa conceitualização, contudo, articula múltiplas diferenças e desigualdades, possibilitando superar a noção de concorrência entre opressões, mostrando-se importante para buscar saídas para dicotomias estéreis, como gênero/classe, gênero/raça, raça/classe.

No Brasil, o conceito vem sendo usado timidamente, mas não deixa de se fazer presente em pesquisas feministas (PISCITELLI, 2008; RODRIGUES, 2013; LIBARDI, 2019). Em um estudo sobre a utilização dessa perspectiva, Rodrigues (2013, p. 10) conclui que “interseccionalidade precisa ser melhor difundida no Brasil, um país marcado por profundas desigualdades raciais, de classe e de gênero, pois permite a consolidação de uma teoria feminista mais apropriada às especificidades

---

<sup>2</sup> A Revista Estudos Feministas publicou, em português, o trabalho de Crenshaw intitulado “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”, em 2002.



locais”. Na Comunicação, essa permanece uma abordagem pouco explorada. Libardi (2019) mostra que, entre 2008 e 2018, apenas um trabalho de pós-graduação em Comunicação havia se aproximado da perspectiva interseccional.

Com este artigo, pretendo realizar um mapeamento da pesquisa em Comunicação que articula gênero/ raça, gênero/ classe, raça/ classe e gênero/ raça/ classe. Desse modo, pode-se reconhecer pontos fortes em nosso campo e, igualmente, verificar lacunas. Ademais, detenho-me nos estudos interseccionais que abordaram plataformas digitais – área em que percebemos, a confirmar, um número expressivo de pesquisas sobre classe, raça e gênero –, verificando se a interseccionalidade está presente nos cruzamentos empíricos e também nas discussões teóricas; e se essas pesquisas se preocupam em compreender como essas identidades articuladas são representadas nas plataformas digitais.

Para isso, realizei um levantamento das pesquisas apresentadas nos Encontros anuais da Compós na década passada – entre 2011 e 2020. Com esse recorte, acredito ser possível: a) conhecer o cenário atual da questão; b) reunir trabalhos de investigadores de diferentes níveis de formação – desde mestrados até pesquisadores seniores; e c) contar com trabalhos qualificados, uma vez que o evento é conhecido por realizar uma seleção criteriosa.

No site da entidade, é permitido o acesso aos anais das diferentes edições do evento. Em cada uma delas (de 2011 a 2020), foi realizada a busca por palavras-chave (apresentadas na terceira seção). Após a pesquisa, foi realizada uma leitura flutuante (BARDIN, 2011) desses artigos para verificar se tratam de questões de gênero, raça e classe. Para isso, não é suficiente usar as noções apenas no sentido de variável sociodemográfica, sem interesse no estudo teórico ou analítico das noções.

A técnica de pesquisa bibliográfica foi empregada para conhecer o estado da arte. Ainda que de modo não tão protocolar, sigo as recomendações de Stumpf (2006) para o desenvolvimento desse tipo de estudo: a) identificação do tema e assuntos, partindo para a definição de palavras-chaves que deverão ser buscadas; b) seleção das fontes para permitir a realização da pesquisa (catálogos, revistas, eventos, etc.); c) localização e obtenção do material; e d) leitura e sistematização dos dados.

Acerca do conceito de interseccionalidade, destaco que não me atenho às pesquisas que o utilizam e nem mesmo que teorizam sobre as articulações entre diferentes marcadores sociais, ou seja, não me restrinjo a trabalhos que se filiam a essa perspectiva e nem mesmo que a mencionem. Também não entendo que todo o



estudo que trace relações entre diferenças opressoras precisem desse enquadramento. Contudo, faço uso da discussão sobre a teoria da interseccionalidade e a avalio como pertinente, e não é minha intenção distanciar-me por completo do sentido dado por Crenshaw em 1989 (2002), que, com a expressão, se referia a

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A seguir, realizo uma discussão sobre a concorrência entre as opressões de classe e gênero, especialmente, refletindo sobre como a disputa histórica entre feministas e marxistas não se mostrou produtiva. Ressalto, ainda, o papel das feministas negras na superação dessa dicotomia, que inclui o conceito de interseccionalidade. Então, trago a análise realizada a partir de levantamento de trabalhos apresentados na Compós de 2011 a 2020, primeiramente com um olhar geral sobre as pesquisas de Comunicação que refletiram sobre gênero, classe e raça, e, posteriormente, dedicando-me àquelas que tratam de gênero/raça, gênero/classe, raça/classe e gênero/ raça/ classe no âmbito dos estudos sobre plataformas digitais. Por fim, teço algumas considerações a título de encerramento, destacando, por um lado, o silenciamento de determinadas abordagens, especialmente a da raça, assim como de uma perspectiva interseccional nos trabalhos apresentados ao grupo de trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades; e, por outro, a fértil contribuição dos estudos interseccionais sobre plataformas digitais para a área da Comunicação, em tendência crescente de aprofundar a discussão, empírica e teórica, sobre interseccionalidade, bem como de problematizar as transformações efetivadas por essas plataformas no que se refere à democratização das representações de gênero, raça e classe, que permanecem oprimidas nessas ambiências.

### **A tríade da opressão: gênero, classe e raça**

A convergência de classe, raça/etnia e gênero reflete um comprometimento com a reflexão sobre a história, repleta de diferentes formas de opressão (SCOTT, 1986). Para Piscitelli (2008, p. 268),

raça, gênero e classe não são âmbitos diferentes de experiência que existem isoladamente uns dos outros, nem podem ser simplesmente



montados em conjunto como se fosse um lego. Essas categorias existem em e por meio das relações entre elas.

E, acrescenta, “existem em relações íntimas, recíprocas e contraditórias”.

Apesar das similaridades, feminismo e marxismo têm sido historicamente colocados em oposição. Algumas das críticas mais contundentes à análise de classe, e especificamente ao marxismo, foram/têm sido feitas por feministas, que reivindicam a valorização da perspectiva de gênero para a teoria social. Por sua vez, Stolke (2004) fala de uma miopia de raça/etnia e de classe entre as estudiosas feministas. Trabalhos sobre essas temáticas ganharam destaque apenas recentemente, com o objetivo de dar voz às mulheres que não se encaixavam nos modelos que costumavam representar os estudos de gênero: mulheres brancas, ocidentais e de classe média.

Uma das críticas mais frequentes e, poderíamos dizer, pertinentes, à análise de classe é feita pelo feminismo. “Provavelmente toda feminista de esquerda pode concordar comigo: Marxismo nunca realmente capturou gênero.” (SKEGGS, 2008, p. 2). Apesar das especificidades da subordinação feminina ao poder masculino, o marxismo não diferenciou a relação de poder dos homens perante as mulheres daquela da burguesia para com a classe operária. A dominação masculina seria apenas uma variação de uma relação que tem origens econômicas, na luta de classes. Por esse motivo, conforme Scott (1986), a inserção dos estudos feministas dentro do marxismo é controversa, uma vez que os marxistas encararam as desigualdades das relações entre homens e mulheres como um “subproduto” da estrutura econômica capitalista, ou seja, o gênero não teve *status* analítico independente.

Para as feministas, a ausência das questões de gênero, geralmente através do silêncio – como expõe Wright (1997), não há, necessariamente, uma defesa explícita da supremacia de classe, mas a ausência da questão nas análises de classe –, significaria uma negação da importância do gênero como fator causal significativo. O sociólogo julga que, embora a aspiração por um projeto teórico totalizante não deva ser rejeitada *a priori*, na prática, “o marxismo não tem sido bem-sucedido em efetuar essa ambição, e as perspectivas para realizar isso não são muito promissoras” (WRIGHT, 1997, p. 241).

Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981, p. 7-8) destacam duas principais formas de pensar o lugar da mulher na sociedade, ambas marcadas pela “opressão, subordinação, exploração em relação ao mundo masculino e/ ou em relação à sociedade de classe”. Uma dessas visões entende a posição de subordinação feminina



como atributo social específico de ser mulher, que não pode ser visto como menor que outros, como a classe social ou a etnia. A outra enxerga a hierarquia homem/mulher inserida em uma relação maior de opressão, a de classe. O verdadeiro dominador seria, assim, o capitalismo. O desequilíbrio nas relações de gênero só acabaria, portanto, com o fim da dominação de classe.

Diferentemente de autores que relacionam a submissão feminina diretamente ao capitalismo, Beauvoir (1980) assegura que o materialismo histórico não responde à questão sobre a origem da opressão feminina. O que se dá é a apropriação dessa submissão por parte do capitalismo. A autora afirma que regimes socialistas não mudaram as relações de gênero.

No entanto, assim como o marxismo não deu destaque às questões propriamente femininas, parte significativa dos estudos feministas, inicialmente realizados por mulheres majoritariamente brancas de classe média, deixaram de abordar aspectos relacionados às mulheres negras e de classes populares, por exemplo, exercendo, de certo modo, o mesmo papel que muitas criticam em marxistas, mas dessa vez com o protagonismo do gênero sendo reivindicado.

Na história do pensamento feminista, a incorporação de outras diferenças não foi uma constante. Enquanto feministas negras, especialmente, destacavam a necessidade de incorporar o entendimento de que mulheres não são todas iguais, que não viviam o mesmo tipo de opressão, havia a ideia de que dar peso a outras diferenças, que não a de gênero, enfraqueceria o movimento. Até hoje, podemos perceber que as diferenças são reconhecidas, assim como a importância do estudo dessas, no entanto, isso não significa que essas outras identidades estejam incluídas nas investigações.

A reivindicação de que outras questões sejam interligadas à de gênero inicia no final dos anos 1970 (LUDVIG, 2006), especialmente por meio de feministas negras.

Se a teoria feminista americana branca não precisa lidar com diferenças entre nós, e a diferença resultante em nossas opressões, então como lidar com o fato de que as mulheres que limpam suas casas e cuidam de seus filhos enquanto você participa de conferências sobre teoria feminista são, a maior parte, mulheres pobres e mulheres de cor? O que é a teoria por trás do feminismo racista? (LORDE, 1984, p. 112)

Walkerdine (1990, p. 157) avalia que as feministas que estudam classe social aprenderam muito com as feministas negras e seu modo próprio de tratar suas pesquisas e suas reivindicações. “Elas estavam com raiva, eram emocionais, não



secas e racionais como muitos homens acadêmicos colocando classe como uma questão que não tinha nada a ver com suas subjetividades”. De fato, encontramos, ainda nos 1980 e, mais destacadamente, nos anos 1990, feministas com origem na classe popular tratando de temas diretamente relacionados a suas identidades pessoais e demonstrando esse envolvimento com o tópico estudado.

### **Gênero, classe e raça em pesquisas da Comunicação: um estado da arte**

Para mapear a presença das discussões sobre gênero, raça e classe na pesquisa em Comunicação na década de 2010, foi realizada uma busca, em cada uma das edições do Encontro anual da Compós (2011-2020), pelas seguintes palavras-chave: gênero, mulher, homem, garot(o/a), menin(o/a), femini(o/a), femin(ilidade/ismo), masculin(o/idade), sexualidade, raça, racis(mo/ta), racista, negr(o/a/itude), bran(co/ca/quitude), black, pret(o/a), etni(a/co), cor, colorismo, classe, popular, pobre(z), rico/riqueza, periferia, favela, luxo, desigual(dade) e interseccional(idade).

Após, foi realizada uma leitura flutuante (BARDIN, 2011) para reconhecimento dos trabalhos pré-selecionados e afinamento da triagem. Alguns estudos, em que as questões de gênero, classe e raça não eram de modo algum analisadas – apenas constaram nos resultados pelo uso de termos como mulher, gênero no sentido de narrativa, cor, periférico, popular, etc. –, foram desconsiderados. Feita essa triagem, passo a contar com 113<sup>3</sup> trabalhos sobre gênero, classe ou raça, interseccionais ou não, de um total de 1.680<sup>4</sup> artigos apresentados no período, o que representa 6,6% dos trabalhos.

**Tabela 1** - Temáticas de acordo com o ano

<sup>3</sup> Uma vez que o mecanismo de pesquisa do site da entidade permite apenas resultados a partir de termos do título do artigo, é possível que trabalhos que não expuseram de forma tão direta a relação com aspectos relacionados a pesquisas de gênero, raça e classe tenham ficado fora do *corpus*. Para que esse problema fosse minimizado, além das palavras-chave apresentadas, também foram incluídas outras, que não levaram a nenhum resultado, como gay, lésbica, drag, trans, black, colorismo, dinheiro, burgu(esia)(ês)(esa), financeiro, capitalismo, miser(ia)(avel).

<sup>4</sup> De 2011 a 2014, são 150 trabalhos por ano na Compós, 10 em cada um dos 15 GTs. De 2015 a 2018, passaram a ser 170 – foram criados os GTs Consumos e processos de comunicação; Som e Música; e Memória nas Mídias, e deixou de existir o GT Comunicação e processos organizacionais. Em 2019, esse último grupo de trabalho volta, agora denominado Estudos de comunicação organizacional, e são somados os GTs Comunicação, arte e tecnologias da imagem e, chamo a atenção, Comunicação, gêneros e sexualidades. Assim, foram 200 trabalhos em 2019, assim como em 2020.



	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total
<b>Gênero</b>	3	1	3	2	2	7	8	7	8	11	53
<b>Raça</b>	2	-	-	-	2	-	-	1	1	3	11
<b>Classe</b>	3	1	4	5	2	1	3	1	1	2	23
<b>Gênero e Raça</b>	1	-	1	-	1	-	1	-	1	1	5
<b>Gênero e Classe</b>	-	-	-	1	2	1	2	2	1	2	12
<b>Raça e Classe</b>	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2
<b>Gênero, Raça e Classe</b>	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	3
<b>Outro</b>	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2	4

Fonte: Elaborada pela autora.

Como se verifica na Tabela 1, os trabalhos foram separados por temáticas e anos de apresentação, especificando-se aqueles que se debruçaram sobre questões de gênero<sup>5</sup>, raça ou classe; no cruzamento de gênero e raça, gênero e classe, raça e classe, gênero, raça e classe; ou enfocaram outras articulações – gênero e geração (1), gênero e neurodivergência (1), gênero e religião (1), classe e gênero (1).

Acerca dos dados encontrados, destaco o aumento no número de investigações interessadas na problemática de gênero de 2016 em diante. A criação do GT Comunicação, gêneros e sexualidades, em 2019, vai ao encontro desse crescimento – mas é muito mais um resultado da demanda por um espaço para abrigar essas discussões, do que uma potencializadora do aumento do número de trabalhos.

A “Primavera feminista”<sup>6</sup>, de que fala Escosteguy (2020), se reflete em um aumento de estudos da comunicação sobre a temática de gênero a partir de 2015, o que fica demonstrada no *corpus* apresentado na Tabela 1. A elevação da quantidade de trabalhos com esse enfoque<sup>7</sup> em 2020 ilustra isso: são 18 trabalhos sobre gênero,

<sup>5</sup> Neste artigo, os estudos de sexualidade estão incluído na categoria “gênero”.

<sup>6</sup> Esse momento histórico se configura a partir “de grandes manifestações feministas como a Marcha das Margaridas, das Mulheres Negras, do Empoderamento Crespo, entre outras, e o horizonte aberto pela explosão dos feminismos, impulsionada pelas novas mídias digitais e por movimentos sociais negros, de favelas e de diversidade sexual.” (ESCOSTEGUY, 2020, p. 110-111).

<sup>7</sup> Há, ainda, artigos que tratam a categoria de gênero simplesmente como variável sociodemográfica, como verificava Escosteguy (2002) no início dos anos 2000. Mesmo abordando temas claramente “femininos”, encontramos trabalhos em que se verifica uma fuga do enfrentamento da questão. É o caso, por exemplo, de um estudo sobre a intimidade e o afeto narrados por mulheres por meio do Youtube, que, no entanto, admite não “adentrar numa discussão mais aprofundada sobre feminismo – que não é o objetivo deste trabalho” (ZANETTI; MESCHIATTI, 2018, p. 20).





sendo sete desses interseccionais – gênero e classe (2), gênero e raça (1), gênero, raça e classe (2), gênero e religião (1), gênero e neurodivergência (1).

Por outro lado, chama a atenção o baixo número de trabalhos dedicados à questão de raça. Por ser o Brasil um país de maioria negra – 56,1% (IBGE, 2021) – e tendo o conceito de interseccionalidade surgido pelo feminismo negro, esse era um dado que não imaginava encontrar. No Norte mundial, é a classe a categoria na qual menos se investe na abordagem interseccional. “Quando se pensa no conceito de interseccionalidade, geralmente as pessoas pensam em ‘raça, gênero e classe’. Em muitos estudos, no entanto, a parte da ‘classe’ é invisível, silenciosa, reconhecida como importante, mas raramente sistematicamente endereçada” (POLITICS & GENDER, 2007, p. 231).

Em Meios e Audiências III (JACKS *et al*, 2017), que analisou os trabalhos preocupados com a relação entre os sujeitos e os meios de comunicação defendidos nos programas de pós-graduação em Comunicação entre 2010 e 2015, essa ausência pode ser percebida na inexistência de capítulo sobre raça – classe, gênero, jovens e crianças contam com capítulos específicos. Além disso, buscando pelos termos raça/racismo e negro(a), encontram-se poucos trabalhos no referido livro, o que vai ao encontro do que foi encontrado aqui.

Relativo aos artigos sobre classe, as maiores variações são notadas em 2013 e 2014. Entre 2013 e 2015, há um interesse particular dos estudos de cinema sobre a periferia e os marginalizados. Ainda que em muitos casos o trabalho enfoque questões estéticas e não discuta aspectos da categoria de classe, é possível inferir que esse aumento demonstra um crescimento da produção cinematográfica sobre esse grupo. Podemos relacionar esse interesse – seja da produção cinematográfica, das telenovelas, dos estudiosos do cinema ou de pesquisadores de outras áreas – ao fenômeno brasileiro de ascensão social e de crescimento de camadas populares como grupos de consumidores em potencial no início desta década – o “boom da nova classe média” (SIFUENTES, 2014), ou “guinada do popular” (SERELLE, 2014).

Ademais, verifica-se que a classe passou a ser uma categoria defendida com afinco por aqueles que a estudam. Destacam-se trabalhos, incluídos no *corpus*, que se dedicaram a analisar o uso da noção em estudos da área ou que, ao menos, referendam esses estudos de balanços críticos sobre a questão (FIGARO; GROHMANN, 2013; SIFUENTES, 2015; GROHMANN, 2016; OLIVEIRA-CRUZ, 2018).



Alguns dos artigos que compõem a Tabela 1 são metapesquisas sobre os temas do gênero e da classe, preocupados em realizar um estado da arte sobre essas questões. Escosteguy é responsável por contribuições importantes para conhecer os estudos feministas e sua relação com o objeto comunicacional. Primeiramente, a autora realiza um esforço para recuperar marcos históricos do período inaugural (1974-1991) dos estudos culturais anglo-saxões, “que evidenciam vinculações entre estudos culturais e de gênero, com viés feminista, com vistas à explicitação de um programa de pesquisa em estudos culturais feministas” (ESCOSTEGUY, 2018, p. 1). No ano seguinte, discute trabalhos brasileiros sobre mídia e gênero compreendidos no período entre 1970 e 2015 (ESCOSTEGUY, 2019). Com seu levantamento, indica pistas importantes sobre a continuidade dessas investigações nos anos vindouros. Esse tipo de estudo colabora para uma consolidação do campo, mostrando sua trajetória e também apontando lacunas.

Do *corpus* constituído, poucos trabalhos se enquadram como interseccionais<sup>8</sup>, são 26 ao todo, o que representa 1,5% de todos os trabalhos apresentados na Compós no período – 22 articulam gênero e raça; gênero e classe; raça e classe; ou gênero, raça e classe. Em 2012, não há nenhum trabalho interseccional. O último ano do Encontro da Compós analisado é uma exceção positiva, uma vez que chegou a oito trabalhos, com as diferentes articulações aqui consideradas.

**Tabela 2:** Trabalhos interseccionais – gênero/raça/classe – na Compós (2011-2020)

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>GT</b>	<b>Intersecção</b>
<b>2011</b>	A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora	Fabiana Moraes, Marcia Veiga da Silva	Estudos de Jornalismo	Gênero e Raça
<b>2013</b>	Xica da Silva e a eclosão da memória e cultura negras: samba enredo e cultura midiática	Liv Sovik	Cultura das Mídias	Gênero e Raça
<b>2014</b>	De gastadores a econômicos: uma narrativa midiática de transformação do estilo de vida dos segmentos populares em ascensão	Ana Carolina Escosteguy	Estudos de televisão	Gênero e Classe
<b>2015</b>	Classe social e o consumo de telenovela por mulheres: um estudo comparativo	Lírian Sifuentes	Recepção, circulação e usos sociais das mídias	Gênero e Classe
<b>2015</b>	Telenovelas e a questão da feminilidade de classe	Veneza Ronsini	Comunicação e sociabilidade	Gênero e Classe

<sup>8</sup> Tratando algumas dessas articulações: gênero/raça, gênero/classe, raça/classe e gênero/raça/ classe.



<b>2015</b>	Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino /masculino em formato televisivo para plataforma web	Tania Montoro, Clarissa Dala Senta	Estudos de televisão	Gênero e Raça
<b>2016</b>	Os sentidos das telenovelas nas trajetórias sociais de mulheres da classe dominante	Veneza Ronsini, Otávio Chagas Rosa, Hellen Barbiero, Marina Machiavelli	Recepção, circulação e usos sociais das mídias	Gênero e Classe
<b>2017</b>	Circulação de sentidos sobre a mulher latina: reflexões e tensionamentos a partir da recepção transmidiática de Orange is the New Black	Regiane Ribero e Valquíria John	Recepção, circulação e usos sociais das mídias	Gênero e Raça
<b>2017</b>	Experimentações metodológicas e interseccionalidade em relatos de sertanejas conectadas pelo Facebook	Tamires Coêlho	Recepção, circulação e usos sociais das mídias	Gênero e Classe
<b>2017</b>	Telenovelas, classe e capital simbólico	Veneza Ronsini	Recepção, circulação e usos sociais das mídias	Gênero e Classe
<b>2018</b>	Sobre costurar teoria social e realidade empírica na recepção: uma proposta de sistematização do gênero e classe como conceitos analíticos a partir do <i>habitus</i>	Milena Freire de Oliveira-Cruz	Recepção, circulação e usos sociais das mídias	Gênero e Classe
<b>2018</b>	Imprensa feminista brasileira e Interseccionalidade	Viviane Freitas	Comunicação e política	Gênero e Classe
<b>2018</b>	O menino negro da foto: a produção de sentidos nos comentários dos leitores de El País	Thaís Furtado, Juliano Doretto	Recepção, circulação e usos sociais das mídias	Raça, Classe e Geração
<b>2018</b>	A periferia do lar nas telas do cinema: o lugar das empregadas em Que horas ela volta e Aquarius	Maurício de Bragança, Tatiana Siciliano, Lícia da Silva Pinto	Cultura das mídias	Gênero, Raça e Classe
<b>2019</b>	Algoritmos racistas: uma análise da hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais	Fernanda Carrera, Denise Carvalho	Comunicação e cibercultura	Gênero e Raça
<b>2019</b>	Distinção e estilo de vida: recepção de A Regra do Jogo por mulheres de diferentes classes sociais	Camila Marques	Recepção, circulação e usos sociais das mídias	Gênero e Classe
<b>2020</b>	A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais	Fernanda Carrera	Comunicação, Gêneros e Sexualidades	Gênero e Raça
<b>2020</b>	A cidadania feminina na microssérie Amorteamo (2015)	Maria Angela Pavan, Carla Oliveira de Souza	Estudos de televisão	Gênero e Classe
<b>2020</b>	Masculinidade em vertigem: a revolução será contra o patriarcado ou não será	Icaro Vidal Junior, Mauricio de Bragança	Cultura das mídias	Gênero e Classe
<b>2020</b>	Negritude, periferia e	Joselaine Caroline,	Recepção,	Raça e Classe



	(in)visibilidades: reflexões sobre os atravessamentos socioculturais da agência Resposta	Enéias Brum	circulação e usos sociais das mídias	
2020	Dispositivo interacional, interseccionalidade e Biopotência	Pâmela Guimarães-Silva	Comunicação e sociabilidade	Gênero, Raça e Classe
2020	Mulheres negras e mundo do trabalho: interseccionalidades (im)possíveis nas séries originais NETFLIX	Regiane Ribeiro	Estudos de comunicação organizacional	Gênero, Raça e Classe

Fonte: Elaborada pela autora.

Destaco a predominância dos trabalhos interseccionais no GT Recepção, circulação e usos sociais das mídias, com nove artigos – de um total de 22. A prevalência de pesquisa com sujeitos, que seriam por natureza interseccionais, pode justificar esse achado. Outros GTs que costumam contar com estudos de representação também aparecem com algum destaque: Estudos de Televisão (3), Cultura das mídias (3) e Comunicação e sociabilidade (2). Os GTS Estudos de Jornalismo, Estudos de comunicação organizacional, Comunicação e política, Comunicação cibercultura, e Comunicação, gêneros e sexualidades aparecem uma vez na Tabela 2. Se algumas dessas áreas podem ser consideradas tradicionalmente menos preocupadas com essas temáticas – embora os objetivos desses grupos não divirjam desses interesses<sup>9</sup> – chama a atenção a pouca frequência de trabalhos interseccionais no grupo de trabalho dedicado às questões de gênero. Talvez ainda hoje prevaleça o que foi apontado no item 2 deste artigo, isto é, um temor de que se dando importância a outros marcadores, de forma concomitante, o movimento feminista, ou então a análise das relações de gênero, sejam enfraquecidos, ideia da qual discordo.

### Estudos interseccionais sobre plataformas digitais

Na análise apresentada a seguir, destaco se a interseccionalidade está presente nos cruzamentos empíricos e também nas discussões teóricas desses artigos, e se há preocupação em compreender como as plataformas digitais representam as identidades de gênero, classe e raça. Não há uma atenção especial ao embasamento

<sup>9</sup> As ementas podem ser verificadas em: <https://www.compos.org.br/gts.php>.



teórico geral da pesquisa, aos procedimentos metodológicos adotados ou mesmo às conclusões a que chegam.

Chegamos ao seguinte conjunto de trabalhos interseccionais que abordaram plataformas digitais apresentados entre 2011 e 2020 na Compós.

**Tabela 3:** Trabalhos interseccionais sobre plataformas digitais na Compós (2011-2020)

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>
2015	Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino /masculino em formato televisivo para plataforma web	Tania Montoro, Clarissa Dala Senta
2017	Circulação de sentidos sobre a mulher latina: reflexões e tensionamentos a partir da recepção transmidiática de Orange is the New Black	Regiane Ribero e Valquíria John
2017	Experimentações metodológicas e interseccionalidade em relatos de sertanejas conectadas pelo Facebook	Tamires Coêlho
2018	O menino negro da foto: a produção de sentidos nos comentários dos leitores de El País	Thaís Furtado, Juliano Doretto
2019	Algoritmos racistas: uma análise da hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais	Fernanda Carrera, Denise Carvalho
2020	A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais	Fernanda Carrera
2020	Dispositivo interacional, interseccionalidade e Biopotência	Pâmela Guimarães-Silva
2020	Mulheres negras e mundo do trabalho: interseccionalidades (im)possíveis nas séries originais NETFLIX	Regiane Ribeiro

Fonte: Elaborada pela autora.

Vale destacar que, dentro do período de análise, que se inicia em 2011, é só a partir de 2015 que encontramos trabalhos interseccionais sobre plataformas digitais. O primeiro é “Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino /masculino em formato televisivo para plataforma web”, de Tania Montoro e Clarissa Dala Senta, apresentado ao GT Estudos de Televisão em 2015. Pensando em aspectos interseccionais e nas plataformas digitais, as autoras apontam que “o público LGBT, as feministas, as negras, as velhas, entre outros, podem encontrar, então, nas mídias contemporâneas, sobretudo nos conteúdos audiovisuais para internet, narrativas que fogem dos estereótipos comumente associados às suas identidades” (MONTORO; SENTA, 2015, p. 2). As autoras consideram que, enquanto a mídia tradicional reforça visões estereotipadas, a plataforma web permite maior liberdade de expressão e uma difusão de narrativas contestadoras.



Regiane Ribero e Valquíria John apresentam “Circulação de sentidos sobre a mulher latina: reflexões e tensionamentos a partir da recepção transmidiática de *Orange is the New Black*” ao GT Recepção, circulação e usos sociais das mídias em 2017. As autoras investigam como circulam as representações da mulher latina na ficção seriada norte americana consumida no Brasil via *streaming*, com foco na Netflix e HBO Go, e se dedicam à recepção transmidiática de “*Orange is the New Black*”, a partir da página da série no Facebook criada pelos fãs.

O artigo não discute o conceito de interseccionalidade, mas seu interesse converge nesse sentido, uma vez que articula “noções que envolvem as questões de gênero e imigração e suas representações na constituição da mulher latina presente nas narrativas ficcionais televisivas” (RIBEIRO; JOHN, 2017, p. 5). O trabalho mostra que discutir a representação da mulher latina no Facebook não é uma preocupação dos fãs da série, mesmo que esses sujeitos – mulheres latinas – estejam apresentadas no produto ficcional:

no âmbito do principal local de encontro online do nosso cotidiano – o Facebook – os fãs de OITNB demonstram muito mais engajamento afetivo com o produto midiático em questão (o que é naturalmente esperado no Fandom) do que ações com vistas a problematizá-lo. (RIBEIRO; JOHN, 2017, p. 22).

Percebemos a relevância da série *Orange is the New Black* na discussão acerca de interseccionalidade e plataformas digitais ao encontrarmos no *corpus* dois trabalhos sobre a produção. A explicação para isso pode ser retirada de Montoro e Senta (2015, p. 4-5):

narrativa televisiva para plataforma web que contesta as estruturas sociais convencionais, especificamente as estruturas de gênero e seus atravessamentos (de raça, classe, etnia, idade, sexualidade). [...] O objetivo é perturbar os papéis tradicionais e comunicar com uma audiência mais preparada e contestadora.

Tamires Coêlho, autora de “Experimentações metodológicas e interseccionalidade em relatos de sertanejas conectadas pelo Facebook”, apresentado ao GT Recepção, circulação e usos sociais das mídias em 2017, expõe no título seu interesse pelo intercruzamento de categorias, especificamente de gênero e classe. Do mesmo modo, já inicia seu texto se posicionado “a partir de um olhar epistemologicamente inspirado pelos feminismos” (p. 1). O entendimento da autora é de que o pertencimento de classe afeta o modo como vivem as relações de gênero.



Ficam evidentes, no relato da pesquisa de Coêlho, as dificuldades que suas entrevistadas passam por serem mulheres e “empobrecidas” (COÊLHO, 2017, p. 7). Conclui que “existir digitalmente já nos aponta para movimentos de autonomia e resistência ligados ao falar de si (narrar-se), exprimir desejos, interagir e se autorrepresentar” (COÊLHO, 2017, p. 17).

No mesmo GT, Thaís Furtado e Juliana Doretto, autoras de “O menino negro da foto: a produção de sentidos nos comentários dos leitores de El País” (2018), abordam aspectos da infância, da raça e da pobreza presentes na representação e na discussão acerca do menino fotografado no réveillon de Copacabana. Entre as categorias, aquela colocada em destaque pelas autoras é a da infância (geração), avaliando que a desconsideração, pela publicação e pelos leitores, de quem realmente é aquela criança é uma abordagem típica da infância. Não há um esforço de tecer relações entre os marcadores.

Os trabalhos dos dois últimos anos do *corpus*, 2019 e 2020, mostram o crescimento recente da temática interseccionalidade e plataformas digitais nos encontros da Compós. Fernanda Carrera e Denise Carvalho, no trabalho que apresentam ao GT de Comunicação e cibercultura em 2019, “Algoritmos racistas: uma análise da hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais”, preocupam-se em entender as representações de mulheres negras e brancas em bancos de imagens digitais. No desenvolvimento do trabalho, são apresentados dados sobre como os homens, brancos e negros, estão representados nesses bancos de imagens, além de propriamente analisar como as mulheres de ambas as raças aparecem e o que isso diz sobre a representação da mulher e da mulher negra, centrando a pesquisa na intersecção gênero e raça. As autoras mostram que

há, de fato, hiper-ritualização imagética do preterimento afetivo aos negros, sobretudo à mulher negra, manifestado tanto pelo campo produtivo das imagens quanto pelas escolhas algorítmicas que atribuem relevância a estas representações. (CARRERA; CARVALHO, 2019, p. 20).

Fernanda Carrera, com “A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais” (2020), dá continuidade à pesquisa apresentada no ano anterior, agora no GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades. Novamente, raça e gênero, ou “racismo e sexismo”, estão em destaque. O objetivo do artigo é compreender se há uma



determinação de gênero e raça para representações afetivas e definições estéticas, ou se estes mecanismos apresentam resultados mais equilibrados para contextos diferenciados, concluindo que

embora compondo um universo tecnológico atualizado, estes bancos de imagem, ao invés de disponibilizarem representações mais acuradas da realidade social, podem estar reforçando processos de estereotipia e fortalecendo desigualdades e dinâmicas de opressão (CARRERA, 2020, p. 3).

Assim, acerca da promessa de que as plataformas digitais sejam espaços mais democráticos e inclusivos do que a mídia massiva, a autora destaca, em seus resultados, que os bancos de imagens analisados reforçam a perspectiva racista e sexista historicamente conhecida.

Regiane Ribeiro apresenta “Mulheres negras e mundo do trabalho: interseccionalidades (im)possíveis nas séries originais Netflix” ao GT Estudos de Comunicação Organizacional de 2020. A autora volta a figurar no *corpus* e novamente analisando produções de Netflix, agora buscando conhecer as representações de mulheres negras protagonistas de séries originais da plataforma. A vinculação com a concepção interseccional, e mesmo a discussão do conceito de interseccionalidade, é clara no trabalho: “A gênese do conceito de interseccionalidade está nas elaborações teóricas do feminismo negro.” (RIBEIRO, 2020, p. 6). Além disso, a preocupação com os diversos tipos de opressão feminina também são expressos: “as mulheres continuam a enfrentar múltiplas opressões, que se intensificam conforme sua raça, etnia, origem, sexualidade e classe.” (RIBEIRO, 2020, p. 1).

Pâmela Guimarães-Silva leva ao GT Comunicação e Sociabilidade, em 2020, o artigo “Dispositivo interacional, interseccionalidade e biopotência: Nath Finanças, entre a autovalorização e promoção da precariedade”. O trabalho confirma uma tendência dos últimos anos do *corpus* que é o fortalecimento da presença da interseccionalidade, tanto empiricamente quanto conceitualmente. A autora questiona “em que medida, novos dispositivos interacionais, que produzem valorização da vida tal como ela é, ainda que seja em meio a subalternidade, seriam promotores das lógicas de precariedade?” (GUIMARÃES-SILVA, 2020, p. 3). A plataforma digital enfocada por Guimarães-Silva é o *Youtube*, especificamente um canal de conteúdo educacional sobre finanças para pessoas de baixa renda, produzido por Nathália Rodrigues, “mulher, negra, periférica, de 21 anos”. E é considerando





esses marcadores do objeto de pesquisa que a autora investiga questões interseccionais – aqui interessando gênero, raça e classe. Essas categorias estão presentes nas conclusões do trabalho: “cotidianamente, sujeitos que estão localizados sob múltiplos marcadores de subalternidade são invisibilizados ou apenas parcialmente considerados em suas interações.” (GUIMARÃES-SILVA, 2020, p. 20).

### Considerações finais

O impacto de experiências acadêmicas no exterior é citado por Escosteguy (2020) como importante motivador para a aproximação de pesquisadores brasileiros com abordagens ainda pouco exploradas no Brasil, entre elas, as temáticas relativas a gênero – como a teoria *queer* e a da interseccionalidade –, que têm desenvolvimento avançado em países como Estados Unidos e Inglaterra. Em 2013, durante meu estágio de doutorado nos Estados Unidos<sup>10</sup>, tive contato pela primeira vez com o conceito de interseccionalidade, quando ainda não havia trabalhos brasileiros na Comunicação utilizando-o. Desde então, flerto com tal perspectiva.

Aqui, defendo sua utilização (e assumo esse relacionamento) por pesquisar os marcadores de classe e gênero e testemunhar, há mais de uma década, a concorrência estéril entre Feminismo e Marxismo, apesar das várias concordâncias entre ambos – buscam entender as condições que colaboram para a reprodução de opressões, bem como as consequências delas; acreditam que essas formas de opressão devem e podem ser suprimidas; veem a luta dos grupos oprimidos como central para um processo de transformação social; e tanto intelectuais feministas quanto marxistas têm como importante justificativa para suas pesquisas a tentativa de colaborar com um projeto emancipatório (WRIGHT, 2001). Assim, a perspectiva interseccional mostra-se fértil para essas explorações, que podem, e devem, incluir ainda outras categorias, como raça, geração, região, etc.

Como assinala Miliband (1999, p. 497), o sujeito social é uma “entidade complexa e contraditória”, “um conjunto de elementos múltiplos” que coexistem, o que será mais visível à medida que se analisar indivíduos concretos. De tal modo, aproximamo-nos dos Estudos de Recepção, há décadas dedicados a conhecer esses sujeitos de “carne e osso”. Isso pode ajudar a explicar porque parte significativa das investigações interseccionais que constituíram o *corpus* deste trabalho são trabalhos

---

<sup>10</sup> Na Texas A&M University, com supervisão do Professor Antonio La Pastina.



de “recepção” (ou consumo, ou usos). Contudo, embora possamos entender essa relação mais estreita, isso não justifica a falta de estudos interessados nesses entrecruzamentos com outros vieses. Destaco, especialmente, a ausência de um olhar interseccional nos artigos apresentados no GT Comunicação, gêneros e sexualidades. Mais do que uma crítica ao grupo de pesquisadores debruçados sobre a temáticas das mulheres, feminilidades, masculinidades, LGBTQI+, teoria *queer*, etc, penso que esse mapeamento faz um alerta para a importância da conjugação de opressões para melhor entender os objetos/ corpos que temos preocupação de investigar.

Vale também chamar a atenção para a alarmante ausência dos estudos sobre raça na pesquisa em Comunicação (representada pelos artigos apresentados no Encontro Anual da Compós) na década de 2010. Pessoalmente, dado o momento de ebulição dos movimentos negros, no Brasil e mundo à fora, e todas as discussões em torno do tema das cotas desde o final da década de 2000, para citar alguns exemplos, esperava chegar a um número bem maior de artigos abordando essa categoria. Não é apressado concluir que a elite intelectual da Comunicação no Brasil está ignorando a temática há muitos anos.

Acerca das transformações presentes nas plataformas digitais no modo de apresentar identidades minorizadas, Montoro e Senta (2015, p. 3) acreditam que esses espaços permitem uma pluralidade de representações, permitindo mudanças “no imaginário midiático, atribuindo novos sentidos ao feminino e ao masculino, considerando, sobretudo, suas intersecções entre, raça, classe e idade”. A perspectiva de Carrera e Carvalho (2019, p. 1-2) é distinta. Elas reconhecem que existem estudos que revelem impacto positivo das tecnologias digitais como lugar de participação democrática e de iniciativas progressistas. Contudo, afirmam que um número ainda mais significativo de estudos que sinalizam o oposto, encontrando nessas ambiências exclusão, vieses discriminatórios, manutenção de desigualdades e conservadorismo.

Por fim, nos trabalhos dos anos mais recentes da Compós, notamos que as pesquisas consideradas como interseccionais e que abordaram plataformas digitais discutiram interseccionalidade e a investigaram levando em consideração aspectos da opressão que os marcadores gênero, raça e classe proporcionam. Embora esses trabalhos ainda apareçam em pequeno número, verificamos uma clara tendência de crescimento e são claras as contribuições que esses estudos trazem, especialmente quando aliam discussões acerca das possibilidades – não concretizadas – de as plataformas digitais permitirem uma representação menos opressora desses grupos.



## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 7 ed. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: uma análise da hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. In: **XXVIII Encontro da Compós**. Porto Alegre: Compós, 2019.
- CARRERA, Fernanda. A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. In: **XXIX Encontro da Compós**. Campo Grande: Compós, 2020.
- COELHO, Tamires Ferreira. Experimentações metodológicas e interseccionalidade em relatos de sertanejas conectadas pelo Facebook. In: **XXVI Encontro da Compós**. São Paulo: Compós, 2017.
- CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2002, v. 10, n. 1, p. 171-188.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, 2002, v. 7.
- \_\_\_\_\_. Estudos culturais e feminismo ou estudos culturais feministas? In: **XXVII Encontro da Compós**. Belo Horizonte: Compós, 2018.
- \_\_\_\_\_. Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos. In: **XXVIII Encontro da Compós**. Porto Alegre: Compós, 2019.
- \_\_\_\_\_. Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação. **Revista Eco-Pós**, 2020, v. 23, n. 3.
- FIGARO, Roseli; GROHMANN, Rafael. O conceito de classe social nos estudos de recepção brasileiros. In: **XXII Encontro da Compós**. Salvador: Compós, 2013.
- FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e feminismo. In: FRANCHETTO, Bruna *et al.* (Org.) **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- GROHMANN, Rafael. Estudos de recepção e classe social: notas sobre teses e dissertações defendidas entre 2010 e 2014 no campo da Comunicação. In: **XXV Encontro da Compós**. Goiânia: Compós, 2016.
- GUIMARÃES-SILVA, Pâmela. Dispositivo interacional, interseccionalidade e biopotência: Nath Finanças, entre a autovalorização e promoção da precariedade. In: **XXIX Encontro da Compós**. Campo Grande: Compós, 2020.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.



JACKS, Nilda *et al.* **Meios e audiências**: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017.

LIBARDI, Guilherme. Panorama dos estudos sobre interseccionalidade no Brasil (2008-2018): notas gerais e especificidades dos objetos empíricos comunicacionais. In: **XXVIII Encontro da Compós**. Porto Alegre: Compós, 2019.

LORDE, Audre. **Sister Outsider**. Trumansburg and New York: The Crossing Press, 1984.

LUDVIG, Alice. Differences between women? Intersecting voices in a female narrative. **European Journal of Womens's Studies**, Londres, 2006, v. 13 (3), p. 245-258.

MILIBAND, Ralph. Análise de classes. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MONTORO, Tânia Siqueira; SENTA, Clarissa Raquel Motter Dala Orange é o novo gênero: ressignificações e transsignificações do feminino /masculino em formato televisivo para plataforma web. In: **XXIV Encontro da Compós**. Brasília: Compós, 2015.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de. Sobre costurar teoria social e realidade empírica na recepção: uma proposta de sistematização do gênero e classe como conceitos analíticos a partir do habitus. In: **XXVII Encontro da Compós**. Belo Horizonte: Compós, 2018.

PHOENIX, Ann. Interrogating intersectionality: productive ways of theorising multiple positioning. **Kvinder, Kon & Forskning**, 2006, v. 2-3, p. 21-31.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, 2008, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez.

POLITICS & GENDER. Intersectionality. **Politics & Gender**, 2007, v. 3 (2), p. 229-231.

RIBEIRO, Regiane; JOHN, Valquíria Michela. Circulação de sentidos sobre a mulher latina: reflexões e tensionamentos a partir da recepção transmidiática de Orange is the New Black. In: **XXVI Encontro da Compós**. São Paulo: Compós, 2017.

RIBEIRO, Regiane. Mulheres negras e mundo do trabalho: interseccionalidades (im)possíveis nas séries originais Netflix. In: **XXIX Encontro da Compós**. Campo Grande: Compós, 2020.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. In: **10º Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, 1986, v. 91, n. 5, p. 1053-1075.

SERELLE, Marcio. A guinada dos populares: mídia e vida social no Brasil. In: **XXIII Encontro da Compós**. Belém: Compós, 2015.

SIFUENTES, Lírian. **“Todo mundo fala mal, mas todo mundo vê”**: estudo comparativo do consumo de telenovela por mulheres de diferentes classes. Tese (Doutorado em Comunicação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

\_\_\_\_\_. Classe social e o consumo de telenovela por mulheres: um estudo comparativo. In: **XXIV Encontro da Compós**. Brasília: Compós, 2015.



SKEGGS, Beverly. On the economy of moralism and working-class properness. An interview with Beverley Skeggs. **Eurozine**, 2008, p. 1-10.

STOLCKE, Verena. La mujer es puro cuento: la cultura del género. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2004, v.12, n.2, p. 77-105.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

WALKERDINE, Valerie. **Schoolgirl fictions**. London: Verso, 1990.

WRIGHT, Erik Olin. **Class counts**. Comparative studies in class analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. A conceptual menu for studying the interconnections of class and gender. In: BAXTER, Janeen; WESTERN, Mark (Ed.). **Reconfigurations of class and gender**. Stanford-CA: Stanford University Press, 2001, p. 28-38.

ZANETTI, Daniela; MESCHIATTI, Amanda. Mulheres Youtubers e narrativas íntimas: racionalização e compartilhamento dos afetos. In: **XXVII Encontro da Compós**. Belo Horizonte: Compós, 2018.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.